

GADOTTI, Moacir. “Prefácio”. In: TORINO, Malena Talayer. *Educação e estrutura de produção: estudo das desigualdades educacionais regionais*. São Paulo: Cortez, Autores Associados, 1982.

## Prefácio

A pedagogia tradicional tem produzido muitos estudos sobre a educação, ignorando a vinculação do ato educativo com o ato produtivo. Considerada como a ciência da educação, a pedagogia tradicional incorporou apenas, e muito mal, a psicologia e a sociologia, mas sempre numa perspectiva pedagógica, isto é, procurando nessas ciências os elementos que viriam “auxiliar” a compreensão da educação. A pedagogia tradicional reforçava o mito da educação, seus poderes, sua importância e necessidade.

Entre nós, o escolanovismo continuou nesta tradição de exaltação da educação, inovando tão somente nos métodos pedagógicos e numa concepção mais “ativa” de educação.

Só recentemente a pedagogia se abriu para outras ciências que, como a economia e a política, vieram mostrar os limites, as distorções e a complexidade do fenômeno educação. A educação aparece, assim mais claramente vinculada a uma concepção política do homem e às relações de produção que os homens mantêm entre si. A escola aparece claramente imbricada no contexto social e político.

Entretanto, dois vieses parecem dominar os estudos referentes às relações entre educação e economia. De um lado, aqueles que entendem que a educação aumenta a capacidade produtiva dos trabalhadores, como a chamada “teoria do capital humano”. De outro lado, o economicismo que nega à educação qualquer relação com a taxa de exploração do trabalho, concebendo a mais-valia como uma categoria estritamente econômica.

Malena Torino, no seu trabalho, não pretende polemizar com esses reducionismos. Estuda um caso concreto: a relação da estrutura de produção e as desigualdades educacionais na Região Norte e em São Paulo.

O livro de Malena Torino vem mostrar, de maneira clara, objetiva, não através de uma teoria geral das relações entre educação e trabalho, mas através de um exemplo concreto, histórico, que a estrutura de produção condiciona o perfil educacional de maneira diferenciada e, sob o capitalismo dependente, o desenvolvimento capitalista assume necessariamente a força de uma “desigualdade combinada” entre as várias regiões, interagindo com a educação, com o projeto político-educativo da burguesia. Nisso consiste a relevância teórica deste texto.

Mas a autora tem também um *interesse prático*: mostrar ao “planejador educacional” que na

avaliação das políticas educacionais regionais o fator “estrutura de produção” é determinante, embora nem sempre dominante. Como afirma nas “considerações finais”, “os planos educacionais repetem-se governo após governo, com objetivos quase nunca alcançados e políticas que dificilmente levam a algum resultado (...). Planejar desta maneira é tomar parte em uma estratégia política que visa à manutenção das estruturas vigentes”.

A autora, procurando fugir de um nível puramente descritivo, onde o planejamento da educação é visto de maneira isolada, não se dando conta das contradições do processo histórico-estrutural, analisa o problema das desigualdades educacionais, procurando chegar à compreensão dessas desigualdades. Para tanto, percorre o processo de desenvolvimento-subdesenvolvimento, desde a fase agroexportadora (norte, com a borracha, Sudeste, com o café) até 1970.

São apresentadas as formas específicas assumidas por cada região, sem relegar, no entanto, os princípios gerais do processo de desenvolvimento de uma sociedade capitalista dependente.

Esse estudo demonstra que a desigualdade no desenvolvimento destas regiões agravou-se, gerando em seu curso uma distância entre um centro em crescente desenvolvimento e um grupo de economias periféricas.

O mau funcionamento da escola brasileira hoje deve-se, em grande parte, ao excessivo centralismo. A educação está sendo planejada uniformemente para todo o país, sem levar em conta as diversidades regionais. Isto porque é um planejamento tecnoburocrático sem participação daqueles que são os responsáveis diretos pela educação. Estudos como o de Malena Torino vêm demonstrar que sem uma inversão de sinal, sem uma ampliação dos canais de participação de todos os trabalhadores em educação, a educação dominante, pela sua uniformização, matará definitivamente a escola crítica e criativa e, com ela, a qualidade, a competência.

*Moacir Gadotti*

Campinas, Janeiro de 1982